

Orador da turma: PAULO TARSO DE OLIVEIRA

Exmo. Sr. Dr. Ildo Meneghetti, D.D. Governador do Estado.

Exmo. Sr. Dr. Martin Aranha, D.D. Prefeito Municipal em exercício.

Exmo. Sr. Representante da Assembléa Legislativa do Estado.

Exmo. Sr. Representante da Câmara Municipal de Vereadores.

Exmo. Sr. Dr. Elyseu Paglioli, Reitor Magnífico da URGs.

Exmo. Sr. Dr. Luiz Francisco Guerra Blessmann, M.D. Diretor da F.M.

Exmo. Sr. Representante do Comando da 3.^a Região Militar

Exmo. Sr. Representante do Comando da 5.^a Zona Aérea.

Exmo. Sr. Dr. Antonio Alves de Paula Azambuja, nosso muito estimado e ilustrado paraninfo.

Exmos. Srs. Profs. Homenageados.

Exmas. Autoridades Civis, Militares e Eclesiásticas aqui representadas.

Exmas. Senhoras.

Exmos. Senhores.

Exmas. Senhoritas.

Nossos muito amados Pais.

Torturante deve ser para o homem, atingir a sua maturidade e, olhando após si, concluir que viveu improfiquamente, que os anos de sua existência foram apenas uma sucessão de dias, sem um objetivo definido, sem uma razão de luta, sem um desejo de participação ativa nos fenômenos de toda ordem que constituem a própria essência da existência. Mas, torturante também será o homem, chegar à sua maturidade e, meditando, concluir que, embora participando desses fenômenos, não soube ou não quiz deles tirar os

elementos capazes de lhe estruturar a base de si mesmo.

E' com este pensamento que nós, quase uma centena de indivíduos, neste ambiente festivo e solene desta noite, nos congregamos. Eis-nos aqui aureolados pelas luzes, pelas flôres e pela esperança feliz daqueles que nos amam. Eis-nos no limiar do pórtico que nos dará passagem a uma longa estrada que, em sua maior extensão, por certo, não se nos apresentará engalanada de luz ou de flôres, mas sim, prenhe de passagens difíceis e lances de perigoso acesso.

Logo, quando as luzes que ora brilham tiverem morrido, já então, teremos transposto o pórtico e estaremos a contemplar a jornada vencida. Estaremos nos perguntando: serei eu capaz de servir profiquamente o meu próximo? Tirei lições de real proveito do que se me foi dado vêr e ouvir? As respostas a estas questões, eu estou certo, serão brados na consciência de cada um de nós. Logo mais, no silêncio da noite, há de passar em nossa mente, desfilando céleres, as impressões ficadas desde aquele dia no qual galgamos estas escadarias com o coração anhelante, com o espírito cheio de uma curiosidade benfazeja, até o momento presente quando, assumindo tremenda responsabilidade, deixamos que os homens ouçam de nossos lábios o juramento hipocrático. Lembraremos das grandes estudantadas. Lembraremos que ao chegarmos aqui vínhamos cheios de esperança em busca dos elementos formadores da estrutura de uma profissão liberal, confiando que encontraríamos tudo o que sonháramos. Sim! Sonhar é o têrmo que se deve aplicar pela justeza de seu significado. Não se diga que esta é uma expressão pueril. Tantas vitórias do homem não foram antes consideradas como sonhos de visionários, irreverência e até mesmo loucura contra a razão? Sim! Por que não dizê-lo — sonháramos muito que

conheceríamos todos ou quase todos os labirintos da vida do humano. Vimos, é verdade, o homem em luta contra os assuntos mórbidos; vimos a sua reação natural — a mais sábia — e a interferência de elementos de ajuda, complementares à luta contra as agressões mórbidas de toda espécie. Mas isso não foi o bastante. Quantas vezes vimos o fenômeno e quanto poucas teremos interferido na sua interpretação, fazendo-o repetir-se, modificando-o, impedindo-o de causar maior dano ao organismo agredido. Quantas vezes hemos tido a imperiosa necessidade de nos orientar por um auto didatismo nem sempre o mais criterioso. As verdades do “nós fazemos assim porque a razão pessoal e experimental nos ensinou”, vezes muitas talvez tenham sido substituídas pelas verdades do “diz-se que assim se faz...”

Já dizíamos antes que o homem deve sonhar para realizar mais. E assim é, pois a utopia de hoje, para alguns, bem pode vir a ser a realidade de amanhã para todos.

O ensino médico com que sonháramos é o que desejamos para os que nos sucederem, nestas salas e nestas cadeiras que tivemos a honra de ocupar, na casa gloriosa de Sarmento Leite. As deficiências e imperfeições do presente deverão ser modelos no dia de amanhã. Deve haver um superador às dificuldades presentes, e, êsse superador, bem pode ser a força de unidade entre professores e alunos.

Não nos propomos analisar o problema das deficiências do nosso ensino médico em toda a sua profundidade, senão que equacionaremos o problema reduzido a sua expressão mais simples.

Considere-se os que desejam aprender medicina e, de igual modo, considere-se os que devem ensinar da arte-ciência. Aqueles como êstes, sentindo suas dificuldades, peiados mesmo, por vezes, ao binômio tempo e economia. Indiscutivelmente não pode o professor ser um paradigma de eficiência, por mais que se esforce, tendo de correr entre a sala de aulas e o seu consultório. E, não se queira exigir que uma de suas funções seja sacrificada, pois as imposições de ordem econômica da vida em sociedade, mormente nos dias em que vivemos, são assaz significativas. O estudante de medicina, de

sua parte, prêso a um currículo mal distribuído, necessitando desempenhar vezes muitas atividades várias para manter a sua própria subsistência, tem de lutar tenazmente contra o fator tempo para cumprir os seus labôres particulares e correr para assistir um sem número de aulas, que carecem de regularidade de distribuição em seus horários; mal podendo frequentar as enfermarias e acompanhar, junto ao doente, a evolução de um caso clínico ou mesmo participar das atividades várias junto aos diversos serviços especializados, adquirindo assim a desevoltura médica que só a prática lhe poderá dar. Não se diga que assim falando estamos defendendo a idéia de um curso de práticos em medicina. Não! Somos defensores apenas da idéia, de que devemos dosar academismo e prática para que se formem melhores profissionais.

Atenda-se melhor, economicamente, o professor e exija-se, conseqüentemente sua inteira consagração à cátedra para a qual se capacitou.

Distribua-se de maneira racional o currículo médico, faça-se o estudante de medicina estagiar obrigatoriamente em todos os serviços médico-hospitalares. Exija-se então resultados positivos. Somos quase convictos de que êstes não serão negados.

Não se diga que nos faltam elementos capacitados, ou que há postos chaves insubstituíveis. Não se diga que não há ambiente para se estudar medicina e fazer ciência. Assim dizendo estaremos menosprezando nossos próprios valores; seria um desrespeito e uma ingratidão aos nossos mestres que têm legado seus conhecimentos, suas forças e até mesmo suas vidas a tantas gerações que por aqui passaram. Dê-nos maiores e melhores condições materiais, estimulem-se os valores jovens e aproveitem-se os elementos que apresentem reais méritos e há de se ver o que pode o Rio Grande do Sul Médico, no terreno experimental e científico. Não se pense que São Paulo (para citar um exemplo) deva ser sempre a meca insubstituível da escola médica brasileira. Isto é persistir em um provincialismo inoperante e contra producente. No dia em que o Rio Grande do Sul contar com os elementos materiais necessários, e que se libertar de certos tabús, tomará

impulso irrefreável o espírito de pesquisa que já se faz sentir em setôres diversos de nossa Escola de Medicina. Os valores que hoje estão à testa destes serviços, e o trabalho criterioso e perseverante que vêm realizando, provam o que afirmamos. Já temos brilhado sobremodo nos mais diversos conchaves, tanto de âmbito nacional como nos de âmbito internacional, atestando da excelência de nossa gente. Urge pois que aparem as arestas e sejam corrigidas as falhas existentes. Professôres e alunos devem exigir cada vêz mais, dando o melhor de si, para que melhores resultados sejam obtidos.

E a concepção que ainda existe em alguns meios de que o acadêmico de medicina é considerado como um futuro concorrente e não como um futuro colega não pode e não deve ser generalizada, muito mais ainda se esta concepção for calcada em princípios econômicos. E' necessário que, em qualquer terreno, a ética profissional seja guardada acima de tudo. Um pouco mais de conhecimentos básicos sôbre deontologia médica — lamentavelmente citada e nunca examinada durante o curso — removeriam certos óbices neste terreno.

E' absolutamente necessário que os experimentados orientem aqueles que buscam os ensinamentos desta profissão, que é, sem dúvida, a mais bela e a mais nobre!

Que os novos médicos que deixarem esta casa saiam impregnados de um espírito de concorrência. Sim! Uma concorrência de melhor senso, uma concorrência de melhor servir; que saibam ser profissionais conscientes, que respeitem, acima de tudo, a dignidade humana do enfêrmo e do colega.

O médico homem ou o homem médico deve ter um pouco do homem ideal de Aristóteles — "sempre disposto a sêr prestadio aos homens, envergonhando-se que lhe prestem serviços, franco em suas aversões, franco em suas preferências; falando e agindo abertamente. Não falando mal de outrem, nem mesmo de seus inimigos a não sêr que seja diante dêles; suportando os azares da vida com dignidade e elegância, tirando das circunstâncias o benefício possível."

Dr. Antonio Alves de Paula Azambuja.

Nosso ilustrado e muito estimado paraninfo.

Vive o homem, dentro da civilização, submetido às mutações que ela sofre nos organismos políticos, econômicos, sociais e culturais. Os regimens se sucedem, as balanças oscilam, as ciências e as letras evoluem, a sociedade turbilhõeia neste oceano revolto. Só um élo mantém-se firme nesta união de correntes — é o élo da amizade respeitosa e de boa vontade entre os homens. Não uma amizade situacionista, de interêsses de grupos; mas sim uma amizade que brota espontânea da alma humana e que permanece inquebrantável e sobranceira, não importa os azares da vida. Esta sim é a amizade, aliada ao respeito e a apreciação de virtudes; virtudes que se não devem exaltar, porque virtudes se evidenciam por si sós. A verdadeira amizade que não pede palavras mas dá sentimentos e luzes da razão.

Bem sabeis, prezado Paraninfo nosso, que as manifestações da juventude são caracterizadas sempre por uma sinceridade espontânea, e melhor podeis disto avaliar porque vosso espírito jóvem sintoniza em harmonia conosco.

Ontem, como alunos, vimos em vós o mestre de palavra fluente e experimentada, derubando barreiras entre a cátedra que ocupáveis e o anfiteatro que ocupávamos. Hoje, muito mais ainda, vemos em vós o homem íntegro, vemos o amigo com sentimento especial. Hoje recebeis esta honraria para que os homens vejam a nossa homenagem e para que saibam da perpétua admiração e respeito pelo amigo, ao qual nos ligamos hoje através dêste maravilhoso paraninfado. Esta homenagem é um traçar da nossa razão porque o sêlo da nossa amizade. E, se de outro significado ela carecer, dela fique a fôrça viva dêste grande amplexo simbólico com o qual nós, vossos afilhados, vos estreitamos ao coração.

Nossos são os votos de que as luzes de vosso espírito esclarecido, projetem-se através de vossa existência. Que vigorosas sejam sempre as vossas decisões e, num crescendo maravilhosos, derribeis sempre as barreiras que se antepõem na estrada, trilhada pelos homens capazes, para se lhes provar a têmpera. Próximo ou distantes estaremos acompanhando

do, com júbilo, vosso triunfos. Que a fortuna vos aureole!

Dra. Maria Clara Mariano da Rocha.

Dr. José dos Anjos Vasconcellos.

Pro. Dr. Paulo de Queiroz Telles Tibiriçá.

Dr. Antonio Louzada.

Dr. Carlos Candal dos Santos.

Dr. Clovis Bopp.

Dr. Pery Riet Corrêa.

Dr. Tauphic Saadi.

Dr. João Carlos Gomes da Silveira.

Dr. José Fernando Carneiro.

Dr. Normélio Nedel.

Permiti que vos cite nominalmente, embora possais recriminar-me por ferir-vos a modéstia. Todavia, preferimos incorrer nesta falta do que nos furtarmos ao dever de enunciar vossos nomes.

Não iremos cantar louvores às vossas virtudes, pois que fazeis parte dos homens felizes nos quais as virtudes e os méritos por si só se bastam. Embora vivamos em uma época em que a virtude tem de ser louvada como coisa rara, devemos sobrepor-nos a este conceito, pois que a honradez, a disciplina, a honestidade e a retidão é o que se espera de todos os homens. Em vós, repito, não se faz exigir louvores a estas qualidades, pois, usando o pensamento aristotélico, "estas virtudes formam-se no homem com a prática de seus atos."

Temos visto em vossa conduta de trabalho não apenas profissionais que, cumprida a tarefa que se lhes está proposta, se retraem para um diletante comodismo. Dentre vós aqueles para os quais o tempo e o bom senso têm ditado a experiência, trabalhando muitas vezes em silêncio, com atitudes firmes que a-floram a superfície deste torvelinho de paixões, interesses e acomodações dos tempos modernos. Dentre vós os jovens, mas amuderecidos no espírito, Sem blazonices, íntegros; vezes quantas talvez já esbulhados em vossos méritos, mas permanecendo sobranceiros, honestos e dignos. A vós que, por certo, já tereis sentido a frieza e o ferir profundo das ingratidões humanas. As vossas atitudes desassombradas manifestas em ocasiões várias, não temos sido alheios. A vós, homenageados nossos, de quem somos devedores de boas parcelas da nossa formação médica, a afirmação nossa de que

vos somos agradecidos e a esperança nossa de que, continuando em vossas obras, encontrareis a felicidade, que é o equilíbrio o objetivo da própria existência.

Já célere corre o tempo e sinto que estou me apossando de algo que não nos pertence. Esta festa não é nossa, somos apenas seus figurantes. Esta festa pertence unicamente, por direito e por justiça, aos nosso queridos, que nos fitam com sorrisos nos lábios e a emoção mal contida nos corações. Pertence a eles que anhelam pelo momento em que nos poderão estreitar em um grande amplexo, estravasando nesse amplexo um pouco da sua alma. Aos nossos queridos que vêm coroar hoje, na pessoa do filho ou da filha querida, os seus sonhos e os seus sacrifícios. Todos os nossos trabalhos e aflições para chegarmos até esta meta nada significarão se confrontarmos com os anos, dias e minutos contados com o coração, quantas vezes escondendo de nós as suas lutas de toda espécie, a acompanhar-nos no caminho rumo ao alvo que havíamos traçado. Felizes daqueles que tiverem a ventura de hoje poder dizer: Meu pai, Minha mãe, tudo o que eu sou devo a vós. Os que desta ventura não puderem gozar, estou certo que repetirão baixinho duas palavras que dizem mais, dentro da grandeza incomensurável de sua dívida: Meu pai, minha mãe: Muito obrigado.

Colegas que ficais:

Para nós que hoje partimos há um duplo significado nesta despedida, pelo misto de alegria e já de saudade que nos vai n'alma. Em realidade não nos despedimos de vós. Iremos um pouco à frente, como seguidores de outros que nos precederam.

Vencida está, para nós, parte da jornada; amanhã proseguiremos. Ontem encontramos dificuldades, tivemos momentos felizes e outros de desilusões. Mas, amanhã, as dificuldades serão maiores. As responsabilidades hão de se multiplicar. Seremos o médico, este ao qual a voz do povo classifica como um misto de anjo ou demônio — o médico que como homem falível, errará, mas do qual a sociedade exigirá perfeição.

Amanhã cada um de nós terá seguido pelas laterais que irradiam da estrada, cada um desenvolvendo uma ativi-

dade pré determinada no vastíssimo campo da medicina. Todos porém teremos encargos, tanto mais importantes se lembrarmos que haverá sempre um sêr humano necessitando dos nossos conhecimentos e da nossa dedicação. Não poderemos esquecer da verdade incontável de que não há doenças e sim doentes. Não poderemos fazer da medicina um amontoado de regras, aplicáveis a êste ou aquele caso com tipos padrões. A necessidade de pesquisar e estudar sempre há de se fazer sentir cada vez mais. A beleza de um diagnóstico certo valerá antes por um detalhe mínimo que o raciocínio nos der, do que por um sem número de regras. A ciência seguirá sempre o seu progresso evolutivo e o médico terá de escolher entre acompanhar êsse progresso ou estaca e sêr sufocado.

Daqui saímos esperançosos. Esperançosos sim, mas não iludidos com os bafejos permanentes da fortuna. As ingratidões diárias farão parte das nossas riquezas. As deficiências de ordem material teremos que sobrepor a razão e o bom senso. As mesmas mãos que um dia nos aplaudirem poderão dias mais tarde nos apontar acusativa e injustamente. "Nada há de tão volúvel como as multidões." — Segundo o pensamento do filósofo. A concorrência nem sempre honesta será um óbice e um desafio à nossa integridade. A este tipo de concorrência contraporemos honestidade e melhor servir. O charlatanismo, procurando estender sua ação malfazeja sôbre o nosso trabalho consciente, valendo-se da credulidade do nosso povo menos esclarecido, também exigirá ações enérgicas e absolutamente lúcidas de cada um de nós.

Os moços, vezes sem conta, são acusados de nem sempre pensar no que dizem, mas sim dizer apenas o que pensam. A verdade porém é que não ficamos prêsos à extremismos. A vida nos dias que correm não nos permite acomodações. Podemos estar desligados de correntes políticas, mas não devemos nos alheiar das vivências dos nossos semelhantes, dos nossos concidadãos e da nossa própria nação. A vida de hoje exige de nós atitudes e posições definidas. Não podemos encarnar o homem que o grande Rui Barbosa esboçou: o homem que teria vergonha de dizer-se honesto.

O caráter tem as suas qualidades expressas em tríades; diametralmente opostos estão os extremismos e os defeitos; situada medianamente estará a virtude ou excelência. Devemos — segundo o pensar do filósofo — "entre a indecisão Hamleto e a impulsividade de D. Quixote, situar o domínio de nós mesmos".

.....

Não quiz a sorte madrasta que chegássemos, a êste epílogo festivo de nosso curso de medicina, com as nossas fileiras integradas de todos os companheiros. A fatalidade, inexorável, arrancou-nos, num golpe de tragédia, o amigo que, recém integrado ao nosso convívio, sonhára os mesmos sonhos que acalentamos. Mas, neste nosso preito de saudade a Elias João Chami, fica-nos a certeza de que seus também seriam os mesmos ideais que nos congregam e pelos quais lutamos e nos animamos. Fica-nos a certeza de que a mão de Deus, insensível às nossas impaciências, reserva os tesouros incalculáveis da sua bondade para aqueles que souberem merecer.

.....

Colegas que ficais:

Haveis ainda de passar um pouco mais por estas salas, por êstes bancos, ouvindo destas cátedras venerandas que o brilho de anos de glória tem marcado com ares magestosos, os ensinamentos para a luta contra a morte. Para vós ainda a oportunidade de plasmar uma consciência acadêmica mais e mais pura; para vós ainda as oportunidades de continuar pugnando por aquelas coisas que nos tem importado no decorrer de nossa oração e que tanto se desejam. Mais e mais temos de aceitar que o grande movimento de moralização de costumes, de congregamento de forças, de solidificação de bases da sociedade tem de partir da Universidade, do meio de elite do qual fizemos parte e do qual participareis ainda um pouco mais.

Nós que hoje temos o epílogo de um episódio de nossa vida, personificamos os bandeirantes do século XX. Resolutos penetrando nos territórios que nos pertencem e que ontem eram apenas espe-

ranças. Bandeirantes em busca de esmeraldas. Hoje, de posse de nossas esmeraldas só nos podemos desejar que não sejam falsas quanto o foram outrora ao destemeroso e sonhador Fernão. Mas, estamos convictos de que não são falsas as nossas esmeraldas, pois que têm sido cristalizadas com a chama da esperança de nossa vocação, e com o esforço para superar todos os obstáculos que se antepuzeram em nosso caminho, até que as tivéssemos realmente conquistado.

Oxalá sejam também as vossas esmeraldas valorizadas pelos méritos inerentes a cada um de vós.

Tôda uma vida há para usarmos com proeficiência na preservação de tantas outras vidas. Um sorriso nos lábios e a fé no coração para ajudarmos a secar este mar de lágrimas no qual se debatem os que sofrem.

Possa cada um de nós dizer:

"QUE ASSIM FAZENDO CONSERVE PURAS A MINHA VIDA E A MINHA ARTE".

Disse